

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



PINTAR COMETAS

A pintura e os dias

ANEXOS

Heron do Prado Nogueira

Trabalho de Projeto

Mestrado em Pintura

Trabalho de Projeto orientado pela Profa. Doutora Ana Mata

2023

Heron Prado - Excursões magnéticas

Há sempre uma polaridade entre o sujeito e o espaço ao seu redor. E toda ação decorrente dessa diferença – algo em mim, algo fora de mim – confirma a existência de um campo magnético, equilibrado entre atrações e rejeições simultâneas, vínculos formados no compartilhamento do lugar.¹

Refiro-me aqui ao campo para situar o tabuleiro em que Heron Prado nos conta suas aventuras. Um campo de conquista, onde se organizam forças antagônicas, componentes leves e densos, certos e errados. Esse campo espreado, maior que o suporte de trabalho, maior que o sujeito, é o lugar do desejo, aquele do fundamento lacaniano, ainda conciliado ao inconsciente e à fantasia, mas também polarizado no reconhecimento do outro.

Heron explora a lógica da escritura entre meios fisicamente diferentes, e a pesquisa técnica que empreende refere-se à persistência em buscar aquilo que precisa ser contado. É assim que ele transforma a pintura em área de desenho, a gravura em pensamento de pintura e o desenho em escrita ininterrupta.

Oscilantes como impulsos elétricos, respirações e batimentos, seus desenhos registram uma fratura da narrativa, quebrando o ritmo constantemente. Como se mudassem de rota a qualquer instante ou, ao contrário, como se insistissem até a exaustão da superfície.

Estes trabalhos são difíceis e podem parecer incompletos. Denunciam um embate, preservam em sua fatura áreas sujas e convivem com o fato de não serem exatamente certos. Heron altera a noção do virtuosismo em arte e concentra sua pesquisa nas formas da narrativa, atento à incompletude como componente de articulação.

As figurinhas caminham encurvadas e são como personagens, não exatamente retratos, embora ele saiba desenhá-los. Elas me mostram uma expressão congestionada – como pessoas calmas, porém sem rumo certo – e trazem as cabeças coroadas por um tipo de crista, os joelhos flexionados, o corpo contorcido em concha, flagrado em movimento.

É evidente que elas falam comigo. Expressam urgência em falar, em dizer tudo. Como quando precisamos fazer alguma coisa, cumprir uma promessa ou percorrer um caminho. Devemos tomar coragem e sair cedo para chegar. Há algo de missão em cada etapa, cada passo se acumulando em uma realização. É assim que imagino Heron trabalhando.

Seu corpo, qual mata-borrão que enxuga figuras, açoitado uma estamparia tatuada que cresce a cada dia. A necessidade de recompor a casca ainda deverá ser mais apropriadamente estudada, para que se entenda esta geração. Nunca antes carregamos tantos desenhos em nossa pele. São marcações de etapas, registros de vínculo, especificando o sujeito na multidão. Alguém que confessa estar entre o “broto frágil e o osso duro de roer”², entre a febra, carne sem osso algum, ou o puro esqueleto.

Faz pensar na noção do corpo sem órgãos, tornado leve para poder voar, e na importância das pinturas corporais e tatuagens entre os ameríndios, construindo uma oralidade e uma grafia. Tatuarse sugere a vontade de reconstrução do

próprio corpo e de sua densidade, definindo a lógica do sujeito a partir daquilo que ele quer ser. A tatuagem é uma pintura definitiva constituindo uma linguagem do desejo, não apenas uma mensagem, pois os signos comandam as coisas que significam, “agindo por inscrição”. O professor Daniel Lins³, a esse respeito, constrói ainda outra ideia muito bonita dizendo “mostre-me teu corpo pintado, tela andarilha, e direi quem és”⁴.

Talvez os próprios jovens tatuados devessem escrever sobre suas razões. Por enquanto, basta pensarmos que é difícil escapar da lógica interpretativa, em que ver e entender o que se vê, ler e compreender o que foi lido, tudo é resolvido adjudicando significados. Poderíamos nos satisfazer detendo-nos naquilo que vemos, e seguir vendo, ainda que seu sentido completo não nos seja apreendido de imediato. Deixar-se impregnar pelas formas, flutuar em um ambiente simples de associações, em que as silhuetas contentem nosso voo.

Motivos próprios parece ser a expressão certa para apontar estes trabalhos. Feitos por motivos próprios. Significa dizer, conduzidos na incerteza, tateantes e mesmo assim realizados, para ver se são mesmo possíveis. Mais uma vez funciona a noção de um campo magnético onde tais imagens podem ocorrer, complementando-se e contrabalançando suas polaridades.

Vejam o *Brainstorm*, um livro desenhado, onde cada página corresponde a um quadrinho, em que tempos simultâneos ou sucessivos se acumulam. Não funciona como história conduzida, em que as causas e efeitos alcançam as conclusões. Antes, opera uma fábula infinita, que poderia a qualquer momento se juntar em *looping*. Frustra a noção de causa e efeito, de moral estável e roteiro lógico. Esse é um valor essencialmente plástico, que revê profundamente o funcionamento da narrativa e que raramente se consegue articular.

Nas cadernetas, Heron Prado faz confissões de afeto e observações agudas. “Meu corpo já foi revelado”, ele escreve⁵. Refere-se a uma forma de nudez sem retorno, a uma revelação que não se pode mais evitar, a uma exposição direta.

No vídeo, leve registro de uma aproximação, rola-se a placa de cimento exaustivamente. A roda imperfeita reclama desgaste para acelerar seu caminho. Um silêncio duro de respirações, nenhum auxílio, alguma solidão compartilhada, até que tombe. Esgota-se a oscilação, equilibra-se o campo, retorna-se à tarefa infinita.

Ralph Gehre, março de 2017.

1 Neste parágrafo, sobre o conceito de desejo e Jacques Lacan, ver Elisabeth Roudinesco, p.147, Dicionário de Psicanálise, 2013.

2 Citação do artista.

3 Daniel Lins (filósofo, sociólogo, psicanalista e escritor franco-brasileiro) é professor de Filosofia na UFCE.

4 Neste parágrafo, sobre conceitos desenvolvidos por Gilles Deleuze (filósofo francês 1925-1995), Félix Guattari (filósofo e psicanalista francês, 1930-1992) e Michel Cartry (antropólogo francês, 1931-2008) e sobre o sentido das pinturas corporais e tatuagens, ver Daniel Lins p.53, Arte resistência, Forense Universitária CE, 2004-2007.

5 A expressão é lida aqui em sua literalidade, pois não cabe mais como metáfora fotográfica, referindo-se à fotografia analógica, onde a superfície é sensibilizada para receber a projeção da imagem negativa, etapa essa superada pela tecnologia digital.

MARCHA DOS FANTASMAS

Heron P. Nogueira

Módulo - Centro Difusor de Arte

Heron P. Nogueira (n. 1992) é brasileiro de Minas Gerais. Frequenta um mestrado de pintura em Lisboa, estuda pintura e também a prática, em formatos muito pequenos, de câmara, ou melhor, de bolso. O formato não é nada neutro ou inocente, aliás nunca o é, o formato apela a uma densidade material gostosa e incerta que está em luta com a figura, ou a não figura, onde esta é quase sempre de sugestão paisagística, enquanto a figura se desdobra em bichos e plantas (flores); porém, o que conta em cada uma destas obras é uma espécie de exaltação material que se sobrepõe à comunicação figurativa, daí o “lado especialmente desajeitado, por vezes tosco e estranho, que encontra e abraça as pinturas”, diz Beatriz Coelho na folha de sala, onde também classifica estas pinturas como “sorradeiras”, um conceito ou um sentimento tão inesperado quanto certo que nos diz do modo sub-reptício como elas se vão impondo ao nosso olhar e à nossa memória quando lembramos o que vimos na galeria. Há nisto tudo uma espécie de falsa inocência, ou primitivismo, ou ingenuidade dissimulada, que vai explodir e desmascarar-se em duas pinturas de maiores dimensões: uma feita da ausência de luz da noite e a outra do exagero dessa mesma luz, branca demais, do dia. Será talvez esse intervalo, na linha imaginária e incerta que separa a luz do dia e a não luz da noite, que se abre o espaço para a marcha dos fantasmas que dão nome a esta mostra. Mas fantasmas de quê? Das coisas? Das casas? Dos bichos? Das flores? Das imagens? Todas estas obras não são mais que simulacros de uma realidade outra, essa bem concreta e bem patente nesta exposição a preto, a branco, a cores, realidade que não é fantasma nenhum e que se chama pintura.

José Luís Porfírio

Para o Jornal *Expresso*

Marcha dos Fantasmas

Exposição individual de Heron P. Nogueira no Módulo – Centro Difusor de Arte

(Conta-se sobre um sonho no qual uma criança frequentemente ouvia um barulho vindo do exterior – era o som da procissão dos fantasmas que percorria a cidade e parecia aproximar-se da rua onde vivia. Ali, a criança corria até à janela aguardando a procissão chegar. O som tornava-se cada vez mais alto, a marcha dos fantasmas poderia aparecer a qualquer momento. Nesse instante, a criança acordava.)

(As pessoas adoram a sensação de estar na praia e contemplar o horizonte, alcançando a liberdade com o olhar. Mas há sempre alguém que contempla de volta, também alcançando a liberdade com o olhar, noutra praia escondida pela curva da terra.)

Durante os últimos dois anos acompanhei de perto a pintura e respetiva prática do Heron. Deste tempo, fui constatando que o seu trabalho cria uma ponte curiosa sobre a “máxima” de Cézanne acerca das três coisas que compreendem o fundo do trabalho do pintor: “(...) três coisas constituem o fundo do ofício, perante as quais há trinta e cinco anos me esforço e nunca haveis de tê-las, três – escrúpulo, sinceridade, submissão.

Escrúpulo perante as ideias, sinceridade perante nós mesmos, submissão perante o objeto.”¹ Por pouco que as três encaixariam na prática de trabalho do Heron, não fosse a sua completa falta de escrúpulos perante as ideias ou, acima de tudo, perante as vontades, característica que em parte o distancia da “máxima” acima referida e o aproxima, ao invés, de uma prática de pintura que é de intuição, como a de um pintor que corre por registar sensações fugidias, vontades cometas, constituindo um fundo de ofício inesgotável e dificilmente saciável (*as vontades são muitas e o tempo é pouco*²). Assim, da sua falta de escrúpulos perante as vontades resultam pinturas de difícil categorização relativamente a temas e géneros, aparentando uma certa aleatoriedade na qual o denominador comum é sempre a pintura. Da submissão ao objeto que vê e da sinceridade consigo mesmo decorre, sobretudo, uma despreensão, simplicidade e consequente verdade daquilo que pinta.

Na presente exposição, e como já se tem tornado habitual no seu trabalho, vemos sobretudo pinturas de pequena escala, escala de livro (por vezes de bolso). Ora produzidas sobre linho preparado através de técnicas distintas, ora produzidas sobre madeira preparada com bolo arménio. São pinturas extremamente manuais e que preservam, como consequência, um lado especialmente desajeitado, por vezes tosco e estranho, que encontra e abraça as pinturas que se veem. Acho-as sorrateiras: discretas, afirmam-se por si, mas não parecem competir com nenhuma outra – sussurram de longe e exigem que sejam vistas de perto – uma e duas vezes.

Figurativas, abstratas ou pendentes entre ambas, a exposição reúne pinturas pertencentes a alguns “grupos” (se é que assim os posso nomear): o da tarefa das flores, o dos espelhos, o dos espinhos... Vemos também alguns arcos, vemos construções arquitetónicas [como exercícios que recuperam fragmentos de pinturas de referência (*Giotto*) ou fragmentos encontrados pela cidade de Lisboa (*Anjos; Marcha dos Fantasmas*)] e alguns ensaios de guache sobre papel. Sem querer aproximar-me de descrições exaustivas, relevo um dos trabalhos de pintura do Heron que mais inusitado considero: o da tarefa das flores. Dentre as demais pinturas que a pintura demanda, o Heron parece voltar às flores como quem regressa a casa. Num tempo em que as práticas artísticas contemporâneas se afirmam, cada vez mais, surpreendentes pelas suas técnicas, meios e apresentações, urgentes pelos assuntos e avançadas pela tecnologia, estas pinturas de flores revelam-se paradoxalmente retrógradas e revolucionárias, como pinturas que mantêm um pé assente no passado e outro que caminha em frente. São insólitas. Contraditórias. Simultaneamente obsoletas e frescas, “fora de moda” e intemporais.

¹ “Paul Cézanne por Élie Faure seguido de O Que Ele Me Disse por Joaquim Gasquet”, trad. Aníbal Fernandes, editora Sistema Solar, 2016;

² Título de uma história escrita por Heron P. Nogueira e ilustrada por Lucas Gehre

Voltando a uma visão global da exposição, creio ser particularmente curioso atentar nalguns aspetos das pinturas, nomeadamente, no tratamento, na cor e no brilho (no caso, à falta dele). Relativamente ao tratamento, as pinturas que aqui vemos (na sua maioria) parecem ir experimentando e renovando modos de fazer entre si, chegando mesmo a referenciar-se e/ou a contrariarem-se, como exercícios que nos vão falando das particularidades de cada um. Algumas, sobressaem pelas suas magras camadas (*Giotto, Espinhos I*); outras, pelo corpo e opacidade presentes em determinadas áreas (*Lurker II e IV*). A ausência ou quase ausência de brilho é também, diria, uma característica geral destas pinturas, que faz reforçar uma sensação de cor que é tendencialmente pálida (Sem título, *Marcha dos fantasmas*), por vezes inanimada, acinzentada, quase “cor descorada”, da qual irrompe, ocasionalmente, áreas ou pontos de luz (*Na taperinha*) e de cor viva (*Colisão*).

Há, ainda, um ritmo específico que se sente nestas pinturas. Embora pareçam resultar de uma certa imediatez de produção, como se de pinturas produzidas “de uma assentada só” se tratassem, elas contêm, curiosamente, um ritmo que é calmo, misteriosamente sereno (*Facto II* ou até mesmo as aranhas *Lurker II e V*). Esta atmosfera criada relembra-me aquilo a que os marinheiros se referem quando falam da calma sentida no mar e antecedente a uma tempestade. Claro, esta é uma analogia num sentido figurado, pois não que estas pinturas premeditem qualquer tipo de tragédia ou tempestade porvir. Pelo contrário, são pinturas que se ficam pelo instante particular de um tempo sereno, quieto, mas que o sabemos fugaz – sabemo-lo suspenso demais para que se possa estender por muito mais tempo.

Lembra-me a imagem e a sensação das pessoas na praia a contemplar o horizonte, esse instante em que alcançam a liberdade com o olhar. Lembra-me também a criança do sonho, no preciso momento em que olha através da janela – a rua serena, suspensa - essa imagem que antecede o fim do sonho e o início da marcha dos fantasmas.

Beatriz Coelho, Setembro de 2022

O AMOR E A AMIZADE, uma exposição de Heron P. Nogueira na Duplex AIR.

Há cerca de dois anos, Heron e eu nos cruzamos numa rua estreita, atrás da estação de Santa Apolônia, ainda desconhecidos um para o outro. Este acontecimento foi reconhecido há um mês, quando começamos os encontros para falar sobre *O amor e a amizade*, esta exposição. Como muitas vezes no processo criativo, algo acontece, depois você percebe. Às vezes não entende, mas reconhece. Como revisitar um trabalho antigo que passa a fazer sentido anos depois. Algumas percepções só são acionadas a partir de um estímulo sensorial que nos transporta para uma consciência. Neste caso, foi passar pela mesma rua.

O acaso anima as mais pequenas partes do universo: o cintilar das estrelas é o seu poder, uma flor dos campos, seu encantamento.¹

Heron pinta cometas², coisas que passam. Tem o olhar de quem sabe que é preciso estar atento ao que não é previsto. Suas proposições em pintura partem de estudos ou se tornam tarefas - flores, espelhos, espinhos. Existe método em sua prática, junto ao preparo da matéria. Séries desenvolvidas a partir de elementos que referenciam, influenciam e circulam entre elas. Pinceladas que evocam Volpi ou o Arco que vira *Olho de Cobra*. Na repetição e na transmutação do gesto e da forma, tensões criadas sobre superfícies envelhecidas apresentam sua obra como um organismo de forças invisíveis que a determinam³.

Em *O amor e a amizade* Heron se propõe um desafio. A começar pela escolha da têmpera e a recusa às suas habituais cores fantasmas. Arriscar é tornar o caminho menos fácil, mas abrem-se outras janelas. Experimental e íntima, esta exposição é um encontro entre relações da sua produção artística e relações afetivas. A nostalgia, própria das ruas de Lisboa, acentua-se sob o olhar do Heron, que explora pela primeira vez a fotografia enquanto linguagem. Cenas cotidianas, lugares que passam e pessoas que ficam. Ou pessoas que passam e lugares que ficam. Entre um café e um cigarro, conversas sobre devoções da alma e nuvens do desconhecimento.

Como nas pinturas, figura e fundo podem se confundir entre ruídos analógicos e técnicas arcaicas. Expostos com as fotografias, os estudos saem do lugar de exercício, evidenciando o processo e o entrelace entre trabalho e afeto, indissociáveis no percurso sensível que envolve a exposição. Aplicada ao vidro da galeria, a paisagem bucólica de uma terra e tempo distantes, quando Heron acompanhava seu pai pelos caminhos do cerrado brasileiro. Entre as memórias que o tempo devora, *O amor e a amizade* trata de uma emoção vital⁴, no sentido daquilo que nos atravessa e se torna determinante.

Estrelas na escuridão são ícones potentes. Como oráculos bíblicos.⁵

Ana Grebler

¹ Bataille, Georges. *O Pequeno*. Sr Teste Edições, 2021.

² *Pintar cometas*. Título da tese de mestrado do Heron, FBAUL, 2023

³ Deleuze, Gilles. *Francis Bacon: Lógica da sensação*. Orfeu Negro, 2011

⁴ Rolnik, Suely. *Esferas da Insurreição*. Sistema Solar, 2020

⁵ Prado, Adélia. *Pensamentos à Janela; Tudo Que Existe Louvará*. Assírio e Alvim, 2016